

Uma história clínica: o filho de um desaparecido no exílio

Uma história clínica

Marcelo Viñar

A narrativa de uma análise singular:
quem será o autor da história? O paciente que
fala ao analista ou o analista que o escuta?

L — Tem 19 anos. Seus olhos claros, de olhar terno, perscrutam meu lugar e minha pessoa — consultório sacrossanto — mas evitam, turvadamente e com rubor, o encontro com meu olhar. Num relato vacilante e fragmentário, vai-me deixando entrever que não está cômodo consigo mesmo, que os outros não o aceitam... Mas seu dizer se esfiapa e conclui, com desalento, que não sabe bem o que sente e o que se passa (com ele).

Em cada entrevista, vários esforços frustrados... Então... que vamos fazer se ele não sabe dizer e nem eu perguntar... Irompe a impaciência.

Às vezes uma narração precisa revela-me seu mal-estar: todo dia vai ao colégio, procura falar com os outros, vincular-se, sentir, mas cada um está na sua... “Ah! os franceses são frios, invidualistas, rejeitam-me. Estou com eles mas não dá prá sentir. Você me entende? Será que

não sei lhe dizer o que se passa?”

Disse-me algo claro e preciso. Espera de mim reação e resposta. Interpela-me. Que posso eu com seu sintoma?

Agora, sou eu quem está embaraçado. Não sei nem como falar nem como calar. Vinte anos de ofício. Poderia ter aprendido a ser mais eficiente, penso, e a precariedade é a mesma. Ou pior. Calar é incômodo. Agora me indaga. Assedia-me com seu olhar e sua fala.

Começa outra sessão. “Em sua porta não há nenhuma placa. Não sei... todos colocam dentista, médico, psicanalista, você não... E estranho, aqui não tem”... Duvida se continua a vir; passou a semana cavilando isso. Todo

Marcelo Viñar — psicanalista, membro da Associação Psicanalítica Uruguaia, autor do livro *Exílio e Tortura*, publicado na França e que brevemente será editado no Brasil.

tempo e dinheiro que isso consome, o tempo de transporte que precisa para os exames. Mas o essencial é não saber de que nem como vai falar... Valerá a pena? O que se passa em sua cabeça é tão obscuro e embaralhado. Que posso fazer, se ele não pode sequer comunicar-se?

Não sabe quem é. Não sabe quem sou e convida-me a acalmar essa inquietude. Não fazê-lo é inquietante: se não sabe quem sou nem quem ele é e a que vem, deixará de vir. A ameaça quase explícita atinge o alvo e cumpre sua meta: inquieto-me.

II. "Sabe... com quem eu podia falar, era com um amigo, um uruguaio... com ele sim... mas voltaram. Nós quisemos fazer o mesmo, mas não dá, não há trabalho..." Seu amigo partiu há algum tempo e desde então começou a ficar mal, a adoecer de solidão, de uma incomunicação que começa de fora, com os outros, pelos outros, mas que se cola por dentro e, como a umidade, penetra todos os interstícios.

Não é só que se foi meu amigo uruguaio, balbúcia, mas é que, desde que ele se foi, já nada nem ninguém é próximo. Nem os projetos na França, nem os de retorno, nem a família, nem os estudos. Tudo está disponível, porém longe e alheio. Uma perda convoca todas as perdas:

*"se perdi meu amigo
como perdi meu país
então, vou sempre perder
as coisas que quero."*

O afeto aqui: do paciente? do doutor? Transferência, contra-identificação? Minha sabedoria e tolice estão ameaçadas. Estou comovido. Pergunto-me se meus conhecimentos vão me ajudar... ou perturbar...

O "uruguaio" — como a raposa do Pequeno Príncipe — funcionou como senha que transforma o anonimato da cidade alheia em alguém que lhe permitia o contato com o mundo*. Com ele tudo era possível, como vínculo e projeto. Sem ele, todos os vínculos secam.

Respirei aliviado. Instituiu-se um lugar para a fala após um longo mês. Sua confiança e loquacidade deram uma virada. Minha falta de placa

profissional transformou-se em signo de reconhecimento. O uruguaio funcionaria como chave ou senha entre o amigo ausente perdido e um desconhecido presente, por encontrar... Só que este signo não estava fundado na competência da minha qualificação, como signo de saber, mas partia de um equívoco de crenças. Ele pensaria, assim creio, que eu era o porteiro de seu dizer confiante. Eu sabia, em minha perplexidade, que durante este mês havia se avizinjado o estupor — que não era com meu saber competente senão com o incômodo do meu silenciar, que havia podido acompanhar a peripécia pelo qual sua palavra começava a ruir. Sei que agora falo com ele, como antes calei e respondi

Não tenho
o conteúdo das
minhas intervenções;
são interpretações
porque são ditas
por analista?

com silêncio. Não tenho o conteúdo das minhas intervenções; são interpretações porque são ditas por um analista? Creio que o que importa na minha fala busca enriquecer a trama da conversação. Contrastar que agora me envolvo quando antes estava recolhido.

Se teve algum conteúdo, com a salvaguarda da traição que existe enter a sessão e sua reconstrução, imagino que devo ter dito alguma coisa sobre a perda e a dor levando a sentimentos de vergonha. E que a dificuldade de falar aqui é que essa vergonha é difícil de ser dita e difícil de ser calada. Que nesta dificuldade estávamos.

III. Encontrou num livro — tão ruim que só o lê no metrô — uma frase que diz o que ele não chega a expressar. Não me recordo com precisão o texto citado. Minha memória, deformando, pode recons-

truir algo que remete à infância perdida, como um tempo alheio, inapropriável, opaco. E à dor resultante desta "estrangeiridade".

O que diz a frase, explica-me, é o que se passa com ele, por isso a lê para mim. Ele tem sempre este costume de recortar e guardar o que o representa e reflete. Um texto, uma frase, os comentários de um filme que o impacta. Guarda aquilo, onde sentindo-se expressão, se reconhece.

Para que não se perca, exclamo. Sim, responde, porém perco do mesmo jeito, nunca encontro o que guardo, perde-se, não sei onde o pus, não é localizável. Aquilo que o representa e que reconhece está extraviado.

E somente agora — após ultrapassar a barreira entre estrangeiridade e reconhecimento — pode contar-me sua vida, entregar-me uma pequena novela, uma história que eu posso referir como anamnese... ou talvez algo mais (meus históricos clínicos, dizia Freud, parecem-se mais com novelas que com textos científicos).

"Sabe... não conheci meu pai ... quando era pequeno, ele não estava ... estava preso ... ou melhor, na clandestinidade. Minha mãe, também não estava. Tinha que sair para trabalhar para que pudéssemos comer ... eu me sentia responsável por minha irmã, responsável por minha irmã pequena, sempre tinha que cuidar dela ... depois mataram meu pai, na fuga de Trelew, onde assassinaram quinze ou vinte ... minha mãe casou-se com outro ... eu o chamo de pai porque é bom e porque é ele que sempre esteve. Mas não é o mesmo, quando tenho um problema, é só com ela que posso falar ... é outro o meu pai, ... também há a questão do nome ... meus irmãos pequenos podem falar com ela ou com ele, mas para mim é diferente, é só com ela que posso falar. Além disso ... sou responsável por ela e por minha irmã (fica enfático). Se você me pergunta pelo que é que me sinto responsável, não sei se posso dizer, não sei de que, mas eu me sinto. Deve ser porque sou o homem. Era eu quem cuidava da minha irmã pequenininha. Ela já tem 18 anos (!), é grande, mas sou eu que me sinto responsável por ela.

Sei que ela sabe o que faz, mas estou sempre preocupado, como se ela fosse pequenininha. Não sei de que sou responsável, como se tivesse cometido uma falta que não sei qual é, mas sinto que fiz mal e que agora tenho que estar sempre preocupado com o que se passa com elas, minha mãe e minha irmãzinha.”

Pequena novela, compacta, elementar, cheia de ingenuidade e sabedoria, salpicada de pistas transparentes, cheia de criptas e enigmas que marca seu destino, que não saberia de que forma retomar com ele, ainda que, seguro de minha doutrina, pudesse com pompas e circunstâncias, adornar um certo discurso explicativo.

Passaram-se dois meses entre a primeira entrevista e este texto que penso ser inaugural de um trabalho analítico. O tempo transcorrido não marca apenas um trajeto cronológico (poderia ter sido uma semana ou um ano). Marca o trajeto de um tempo lógico que pode ser fulgurante ou extenso, mas que é necessário reconhecer e transitar. É o trajeto que vai desde o rodear no dizer indeterminado dos sintomas e o mal-estar, à palavra plena e alusiva na qual assoma e se esboça a trama do texto inconsciente que nosso trabalho fará surgir, emergir. Dois meses em que, mais do que pensar os conteúdos, importa que haja encontro, que ele possa dizer-se e eu, acolhê-lo.

IV. Se apresento este fragmento clínico para abrir e propor uma reflexão é porque na plenitude humana de sua singularidade, em seu frescor elementar, torna irrisória a pretensão totalizante de nossos discursos explicativos sobre o político e/ou o analítico. Se eu fosse poeta, se quisesse brincar, daria a esta história um título travesso: o ardil da transferência. Porque tudo está ali e se oferece facilmente para ser lido, tanto para o determinismo histórico como para a fantasia edípica. Fácil de ler para ambos os códigos explicativos. Fácil de ler para qualquer leitor informado, salvo para o sujeito, o autor da história. Ardil de transferência, porque a função do analista não é explicar — como o pedagogo —, mas sim promover o advento do sujeito, como autor,

fazedor de sua própria história: e esta tarefa nunca cede à transferência.

Seu sintoma, essa perda ou dificuldade de contato vivida dolorosamente, contada com perplexidade. Alheamento com os outros como espelho de sua opacidade interior. Relato a princípio descritivo, factual, anedótico, que só adquire sua espessura dramática e de personalização a partir da exploração e do tatear do interlocutor.

Desde o lugar onde quem fala e quem diz é solidário de quem escuta. Não há processo terapêutico sem essa co-determinação. Que é muito precoce, que se joga e se desenvolve desde os primeiros gestos e trocas.

Pode-se ler, neste fragmento, co-

Ler a fantasia
é talvez o único
que especifica o
trabalho do analista.
Mas é preciso
extraí-la.

mo um dicionário compacto e minúsculo, um traço ordinário, tão simples quanto eloquente de nossa história de hoje, a história de um país, ou de uma família, de uma pessoa. E este traço mostra como o concreto é síntese de universais e os questiona, atravessando-os num calafrio de carne. Violência que o empurrou para o exílio e que tem retorno na esfera psíquica: como sintoma, perda de contato.

Mas qual violência? A do regime, a da ausência e morte de seu pai, morte violenta, morte política. Ou condena o pai que o abandonou ou o regime que o assassinou, ou vive a atualização em uma trama temática contingente, de suas fantasias paricidas, único fator etiológico eficaz no sofrimento atual. Ou o inverso. Desadaptação de um “criollito” na França, com discursos, valores e sensibilidades distintos dos consensuais. E se continuo no papel de ad-

vogado do diabo, as poucas frases do meu paciente encherão folhas — de uma querela de escola, onde se mesclam teorias, crenças, posições éticas, ideologia.

O saber sobre meu trabalho, para mim mais familiar e próximo, convida-me a responder a essas alternativas com um código explicativo. Não somente como necessidade teórica, como também para definir a natureza do que assumo como terapêutico, e justificar a ideologia e a ética que sustentam minha posição. Esta justificativa vai mais além da neutralidade que me empenho em preservar ou exibir. É muito mais tranquilizante aplicar um código mais ou menos estabelecido, que deixar operar a polissemia de seu discurso. Dizer que interpela minha história e a de meus filhos: contra-identificação introjetiva? captura de meu desejo? gritar-me-á a doxa. Como uso estes conceitos? Para explorar ou para bloquear a singularidade de sua história pessoal, familiar e coletiva, onde ressoa o exílio e a violência em que estamos incluídos e presos, qualquer que seja nossa “ideologia” e “saúde mental”.

Quero mostrar mais simplesmente o momento em que a clínica se torna novela, voltar aos primórdios onde Freud, com seu ponto de vista, inclui e rompe com o saber médico psiquiátrico tradicional. Ler a fantasia é talvez o único que especifica o trabalho do analista. Mas fantasia não é igual a material. Ela precisa ser extraída e duvido que o procedimento e as regras para fazê-lo consigam unanimidade. E os modelos teóricos, ainda que orientem (ou enganem), não dão todas as chaves desta combinatória.

V. Vou arriscar minha leitura do material, meu jeito de recortar e trabalhar a fantasia, no desejo de suscitar a controvérsia. Trabalho de arte. Talvez o primeiro que se escuta, no tédio ou na monotonia da atenção flutuante, seja a intensidade de um calafrio, como uma chicotada de lucidez, que faz alusão mais do que evidencia, um sentido que se discerne ao mesmo tempo que escapa.

Volta-se a escutar o que se disse, o traço ordinário que se conta, uma pequena história que se pretende

congruente e lógica, que se vê excedida e faz estridência insistente. — “Sou responsável por elas, estou preocupado com elas ... minha irmã pequenininha que é só um ano menor”

— “Como se houvesse cometido uma falta, que não sei qual é, mas me sinto responsável”.

É este ponto de excesso, de estridência e escândalo que o analista busca escutar. Para que sua tarefa seja viável, felizmente esta marca de excessos se repete como o refrão de uma canção. Insiste numa circularidade reverberante.

É na silhueta que se desenha e se recorta nestas frases que vão além da coerência de um texto racional e de seu *ratio*. É nesse excessos que irrompe e faz escândalo o que chamamos fantasia.

O fantasma é um híbrido, dizia Freud há meio século (Metapsicologia, O Inconsciente, 1915), é um mestiço entre dois sistemas. Se o analista é um tradutor entre estes dois sistemas, vale a pena recordar que Freud recorreu à metáfora do palimpsesto e não à invenção de Gutemberg. Quero dizer que as relações entre o manifesto e o latente são frágeis e tênues e a pretensão de transparência falseia o fato de que o inconsciente é negatividade e só se conhece por inferência.

A clínica médica aponta e busca a objetividade, e se a operação de saber tem êxito, um médico é trocável por outro. A clínica psicanalítica busca e aponta para individualizar e reconhecer o fantasma. Este recortar não é trocável.

Não há dado empírico. E só um ponto de confluência entre o que o paciente crê e diz e o que, aquele que escuta, pode reconhecer e re-trabalhar. Fantasia porque é um texto que contém um núcleo ou caroço de infância (para usar uma expressão feliz de Monique Schneider). Caroço que nos conduz aos horizontes do acontecimento traumático e do fantasma estruturante: aporia que Freud não esgotou e que segue nos interrogando.

Núcleo de infância, não como passado hipostasiado (coagulado), e sim como núcleo determinante onde está escrito o destino e por isso explica o presente. Não se trata de uma causalidade genética e linear —

o que é, é porque foi. Isto leva a substancializar o inconsciente e instituí-lo como entelêquia.

O passado é a virtualidade de uma estrutura a recriar como presente, atualizando-a para resignificá-la. O núcleo de infância atualiza o passado porque o contém. Por isso sua irrupção assusta e extravia.

O fragmento como história é uma história lógica e racional, onde só uma escuta analítica pode reconhecer o excesso e a inadequação.

Onde o texto insiste em uma “preocupação-responsabilidade” que remete à “falta-pecado”. Silhueta que volta sem nomear-se mas designa o vazio que ordena a seqüência e traz uma luz para o enigma do sintoma. Pode-se adivinhar o pai

Não há causalidade linear. Existe uma multitude fragmentada e dispersa de núcleos de compreensão que enlaçam infância e atualidade em traços inconclusos, de contrastes.

que assoma sem nomear-se. Qual pai? Onde está? Como figurá-lo? Quem o fará? Quando?

Ou a figura da irmã pequenininha, violência ao dado empírico, já que só um ano de idade os separa, mas cumpre a necessidade da estrutura — chamemo-la edípica — que necessita de um grande responsável e um pequenininho a proteger para fazer surgir seu sujeito disperso nos personagens que circulam.

Não há causalidade linear, existe sim uma multitude fragmentada e dispersa de núcleos de compreensão que enlaçam infância e atualidade em traços inconclusos, de contrastes, como Jakobson define a poesia: projeção da ressonância paradiigmática no eixo sintagmático.

Aplicar-lhe meu código ou deixar que ele me interpele, é o único intervalo onde algo pode funcionar.

Que seu pai morto insepulto retornará mil vezes como alma vestida de máscaras e disfarces de amor e ódio, parece-me evidência tão óbvia que não vale a pena antecipá-la. Porém, as fronteiras entre o pai de família e o do mito fundador não são simples nem biunívocas, como afirma Freud.

Seria simplificador estabelecer uma continuidade entre o fantasma e o social. Na história de meu paciente as duas vertentes aglutinam-se ou telescopam as cenas. O que é bem inquietante. Inquietude que posso resolver com o amparo do saber de minhas teorias: Freud *dixit*.

Posso reler totem e tabu. Psicologia das massas e o mal-estar até o Moisés. Não é oportuno glosar o conhecido nem pôr-se em obediência ou ruptura com os textos fundadores; a literatura de ambas as formas é abundante. Fazer teorias escapa às minhas capacidades. Quero apenas pontuar que na história que narro não é fácil resolver e liquidar a questão da neutralidade terapêutica a partir do embandeiramento militante de Freud em relação à determinação inconsciente.

Mais simplesmente, posso submetê-lo ao saber de minha(s) teoria(s) ou deixar-me interpelar pela sobredeterminação de seu dizer balbuciante.

Separa-nos ou nos une a diferença de uma geração, mas estamos ambos no mesmo torvelinho da história. Diferença que é razão suficiente, em condições não brutais, para que haja violência. O mal-estar humano tratado pela psicanálise tem a ver com a dificuldade de crescer e envelhecer, e começamos este último, antes de concluir o primeiro. Quem vai aprender com quem? Quem será o autor desta história, o paciente que me fala ou eu que o escuto? Concordemos que entre ambos. Na violência social, o vigor da neutralidade e o mito do analista espelho são metas limites que sempre transgredimos, à direita e à esquerda. Como ir adiante? ■

(*) O autor é uruguaio.